

SLAM DO CORPO: MOVIMENTO LITERÁRIO E DE RESISTÊNCIA SOCIAL

¹Mirelly Lucena de Lira

²Yone Regina de Oliveira Silva

³Ivanda Maria Martins Silva

INTRODUÇÃO

Na década de 80, no território estadunidense surgiu um movimento artístico, literário, cultural de poesia falada que ficou conhecido como *Poetry Slam* ou apenas *Slam* do corpo, uma “batida na porta” de problematizações sociais. Organizado por Marc Smith, na cidade de Chicago o *Slam* é caracterizado por uma competição de ideias de contestação e reafirmação identitária acerca de uma temática social explanada por atores, produtores culturais, artistas, professores, cidadãos ou comunidades (SANTOS, 2019).

As problematizações apresentadas são derivadas de críticas sociais realizadas por segmentos tidos como “minorias sociais”, os quais historicamente foram marginalizados devido às suas características étnicas, fisiológicas ou de gênero. De acordo com autor Quijano (2009), “os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial”. Logo, se faz necessário mudar de perspectiva frente a repressão do colonialismo eurocentrado e adotarmos um posicionamento decolonial para compreender este contexto. Como tentativa de resistência e empoderamento social, destaca-se que o *Slam* ocorre em espaços urbanos públicos (parques e praças), como estratégia de marketing visual de alcance social para públicos distintos e difusão de ideias. As ideias são representadas por manifestações poéticas recitadas pelos participantes que não necessitam obedecer a padronização e o rigor linguístico da linguagem erudita. Segundo Batista (2017), acontecem dois momentos importantes nos *Slam*. O primeiro momento é chamado de “Corpo aberto”, o qual permite que qualquer indivíduo declame uma poesia livremente. E o segundo momento é conhecido como batalha, o qual funciona como um palco aberto onde competidores explanam suas vivências reais, através de sistematização de ideias durante três minutos correlacionando a temática vigente do movimento. De acordo

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE- PE, yone.oliveira@ufrpe.br;

²Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE- PE, mirelly.lucena@ufrpe.br;

³Pós-Doutoranda em Educação (PPGE/UFPB), Professora Associada da UFRPE/UAEADTec, Docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL), Universidade Federal Rural de Pernambuco-PE, ivanda.martins@ufrpe.br.

com Santos (2019), artefatos visuais como figurinos e adereços performáticos são proibidos nesta competição. As inscrições do *Slam* acontecem nas esferas municipal, estadual e nacional. Em seguida, os participantes concorrem entre si nas etapas geral, semifinal e final através de batalhas, onde são selecionados por cinco júris populares na hora do *Slam*. A proposta do *Slam* no âmbito brasileiro, foi preconizada pela produtora cultural Roberta Estrela D’Alva, no ano de dois mil e oito. A *Slammaster*, nomenclatura dada a organizadora do *Slam*, também é um ícone na curadoria desta proposta literária social na cidade do Rio de Janeiro. Roberta Estrela D’Alva também protagoniza a autoria da Zona Autônoma da Palavra (ZAP) na periferia carioca (SANTOS, 2019). Registros mostram que o *Slam*, ganha nomenclaturas diferentes de acordo com sua região. Entretanto, neste estudo será evidenciado o *Slam* do corpo. No Brasil, destaca-se que o grupo, Corpo Sinalizante, é o precursor de *Slam*, como também evidencia sua característica de agregação de poetas surdos e ouvintes em uma competição de “poesia falada” em Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais. O poeta Edinho Surdo, nomeia essa interação bilíngue como um “beijo de línguas”. No espaço artístico, a presença da Libras e da Língua Portuguesa Português funcionam como recursos de comunicação nas manifestações literárias e culturais, mas também fortalecem uma identidade social. Ressalta-se também que no *Slam* do corpo, os elementos mais importantes são o corpo e a voz do sujeito que foi calado historicamente. "A pessoa que tem privação nas "instâncias de fala" sofre as consequências do "imperialismo cultural" (SPIVAK, 2010). Corroborando este contexto, destaca-se a contribuição teórica da autora Silva (2009), ao afirmar que no

no discurso colonial, a surdez é a causa que marca e posiciona o surdo no discurso da incapacidade; no discurso pós-colonial, a surdez é a causa que marca e posiciona o surdo no discurso da política da diferença. Isso se dá porque a estereotipia em relação à surdez é ambivalente: juntamente com a ausência – a falta do som - , ela também traz em si a marca da presença – a experiência visual (SILVA, 2009. p.71).

Diante do panorama descrito, o objetivo deste estudo é apresentar possibilidades de expressões artísticas literárias apresentadas no *Slam* do corpo como mecanismo de valorização cultural e social. Este artigo trata-se de uma revisão de literatura, o qual consiste na captação do objeto de estudo através de tabulação e análise dos dados adquiridos em artigos, livros, marcos legais, batalhas *Slam* e registros audiovisuais. A abordagem escolhida é qualitativa, pois de acordo com Minayo (2009), este tipo de abordagem favorece a resposta de indagações privadas permitindo um enfoque que não pode ser quantificado com a pluralidade de significados. A análise de conteúdo através da lente do teórico Moraes (1999), é possível criar percursos diferentes de conduzir o processo de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante deste cenário, visto com a lente socioantropológica da surdez, observa-se as especificidades daqueles que se conectam com o mundo através das suas experiências visuais, caracterizando uma diversidade cultural. De acordo com o teórico Homi Bhabha (2005), a ideia de diversidade cultural, consiste em “... é um objeto epistemológico de uma variedade de características marcadas através da culinária, ritos religiosos, danças, músicas, vestimenta, manifestações sociais, fala e tradições”. (2005, p.63). Por conseguinte, estes elementos constituem o cerne dos Estudos Culturais, pois ampliam o panorama discursivo entre cultura e objeto, reconhecendo a pluralidade através de práticas sociais. O autor, Stuart Hall, esclarece “não é que ‘tudo é cultura’, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural”. (2016, p.33)

Assim, o indivíduo vai se apropriando e construindo sua identidade cultural. Segundo a teórica, Ana Carolina Escosteguy (2010), a cultura se dá com o envolvimento de poder e ajuda produzir assimetrias nas habilidades dos indivíduos e grupos sociais, caracterizando e definindo suas necessidades. Assim, de acordo com Escosteguy (2010), a cultura “não é um campo nem autônomo nem externamente determinado, mas um espaço de diferenças e lutas sociais”. Se tratando do segmento populacional de pessoas Surdas, menciona-se o conceito de cultura surda como,

“O jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo” (STROBEL, 2008, p. 24).

Assim, inseridos nas especificidades da cultura surda, as pessoas surdas se reconhecem e podem exercer uma melhor comunicação e interação com os demais indivíduos, usando principalmente a Libras se expressando com mais naturalidade e sem a pressão colonial do oralismo e da ouvintização. A autora Perlin (1998), complementa esta perspectiva, quando afirma que a identidade surda cria “um espaço cultural visual dentro de um espaço cultural diverso, ou seja, recria a cultura visual, reivindicando à História a alteridade surda”. Logo, categorizar a comunicação oral como única possibilidade de interação sociocultural reforça perspectivas de ocultamento de histórias da dominação, do conflito das contradições vigente na sociedade.

De modo a exemplificar a relevância da Libras acerca das singularidades e expressão da comunidade surda, retomamos a poesia intitulada, Palco de Poeta, criada pelo ator Edinho

Poesia no movimento artístico literário *Slam* do Corpo. Após décadas de colonização, de acordo com o teórico Santos (2009), as raízes do colonialismo ainda ditam os modos de expressar, se constituir como sujeito e a postura, evidenciando as entranhas do autoritarismo e também, se reconfigurando para manter sua dominação. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), aparece como mecanismo de resistência sociocultural, como também produto de lutas persistentes da comunidade surda. Vale ressaltar que este palco é um fruto também do respaldo legal da Lei Federal nº10.436, de 24 de abril de 2002, a qual evidencia-se a Libras como instrumento de expressão e comunicação do povo brasileiro. Ampliamos agora a dimensão social, na qual estão inseridos surdos usuários da Libras e destaca-se a existência da comunidade surda. Nesse grupo, encontram-se familiares dos surdos, amigos, professores, instituições, tradutores e intérpretes da Libras e demais pessoas que trabalham ou socializam com pessoas surdas. Reconhece como pertencente às pessoas desta comunidade, àquelas que encaixam suas particularidades, costumes, valores e artefatos culturais com uma perspectiva agregadora. Corroborando esta perspectiva de fortalecimento da comunidade surda, resgatamos a lente da autora Catherine Walsh (2018) citada por Mignolo (2018), que elucida que “a decolonialidade aparece em forma de movimentos sociais e protestos” de um grupo contra o apartheid do colonialismo.

Neste cenário de autoafirmação, a literatura aparece como recurso mediador de novas perspectivas socioculturais e segundo Candido (2011, p.188), “a Literatura corresponde a necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos, portanto nos humaniza”. Compreendo a relevância da literatura também como instrumento de resistência humana e empoderamento social cita-se o poema intitulado Negro Surdo, o qual aborda as dificuldades da aceitação das diferenças de pessoas na inserção social evidenciando os resquícios do colonialismo.

NEGRO SURDO

Poema de Edinho Santos criado em Libras e transcrito por James Bantu. (*Slam* do Corpo, 2017)

Vocês conhecem poesia?
 Eu trago poesia de periferia, poesia de favela
 Identidade Negro Surdo
 A cidade me alveja com seus sons, suas luzes,
 suas faíscas, são como estrelas caídas no chão.
 A polícia
 A polícia adora preto!
 Adora pegar, amordaçar, algemar
 Se trancam minhas mãos, trancam minha fala
 Como eu comunico?
 Como eu me explico?

Eu preciso das mãos para falar
 A polícia não entende
 A comunicação não funciona
 Eles não entendem a nossa língua
 Não tem referência, Martin Luther King; Mandela;
 Conceição Evaristo; Dandara; Zumbi dos Palmares
 Eu sou referência
 Sou Negro, Sou Surdo e eu dissemino
 Identidade Negro Surdo
 Alvejado pelo som da cidade
 A polícia persegue, não têm empatia
 Pela cidade recebo sons, recebo tudo
 E me esquivo do caminho
 Ogum no meu caminho vai abrindo
 Salve Ogum!
 Sinaliza em Libras o caminho para eu passar.

No poema acima, evidencia-se a construção identitária de um grupo que faz referência às suas raízes negras, sócio históricas, mas também exalta suas características como elementos culturais. Entretanto, as características culturais não eurocêntricas são desrespeitadas quando pessoas surdas negras sofrem represálias e são privadas de utilizar as mãos para se comunicar. A pessoa surda, usuária da Libras, interage socialmente de modo cinestésico, visual, com também adquire uma habilidade linguística de ser e estar no mundo. Diante destes artifícios linguísticos da Libras, a pessoa surda pode engajar-se em um show musical através das vibrações sonoras, recitar poesias ou defender uma dissertação acadêmica através da sinalização visual conforme seu direito sociolinguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o contexto abordado, observa-se que a discussão acerca de segmentos populacionais pautada com a nomenclatura de “minorias sociais” pode reforçar um imperialismo sociocultural arraigado na colonização. Uma vez que cada grupo carrega consigo traços identitários, experiências e histórias singulares, os quais necessitam ser problematizados e difundidos mundialmente para desconstrução de estereótipos. Se tratando de pessoas Surdas, estratégias de ocultamento histórico e cultural podem ser exemplificadas com a pressão social do oralismo e da ouvintização.

No cerne dos Estudos Culturais e Pós Coloniais, debruça-se sobre a relação cultura, objeto e significado sob uma nova lente latino-americana e socioantropológica como ferramenta de ruptura destes padrões hierárquicos colonizadores. Assim, menciona um movimento artístico-literário e cultural com essas características, conhecido como *Slam* do corpo. A problematização destes saberes é expressa através de oficinas, palestras, poesias, cursos, teatro realizados por professores, artistas, produtores culturais e personagens da

cultura surda. As experiências cinestésicas propiciam mecanismos de valorização cultural e social para os usuários da Libras, graças à garantia de um direito básico, o acesso à Literatura. Ratifica-se um panorama incipiente da desconstrução de estereótipos o que impacta na produção literária dentro da comunidade surda e pode ser expandido na comunidade científica. Por fim, compreende-se que produções como estas fortalecem o movimento artístico literário ampliando a difusão de informações, valores, saberes e cultura, afinal chegou a hora do subalterno falar.

Palavras-chave: Slam do corpo; cultura; literatura; decolonialismo.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Guilherme Martins. **O que é o slam do corpo?** 2017. (2 min. 54s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yjp1TWEI0q0> > Acesso em: 17/05/2023.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 2012. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm > Acesso em: 17/05/2023.

BHABHA, H.K. **Local da cultura. Tradução de Myriam Ávila.** 3. Ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: _____. *Vários Escritos.* 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaraci Lopes Louro. Disponível: < https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernida-de-stuart-hallpdf.pdf . Acesso em: 17/05/2023.

MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **On decoloniality: Concepts, analytics, praxis.** Duke University Press, 2018.

MINAYO, M. C. S (Org.); DESLANDES, S. F; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder a Classificação Social.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do sul.* Coimbra: Almedina, 2009. (Série Conhecimento e Instituições). p. 73-117.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SANTOS, Edinho. **Poesia Negro Surdo.** 2017. (2 min. 36 s.) Disponível em: < <https://agenciamural.org.br/surdo-de-nascenca-edinho-faz-poesia-com-a-lingua-de-sinais/> . Acesso em: 17/05/2023.

SANTOS, N. de J. **O Slam do corpo e a representação da poesia surda.** Revista de Ciências Humanas, v. 18, n. 11, p. 1-13, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/luan_/Downloads/8688-Texto%20do%20artigo-39244-1-10-20190925.pdf. Acesso em: 10/07/2023.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis, UFSC, 2008.

PERLIN, G. **Identidades surdas.** In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças.* Porto Alegre: Mediação, 1998.